

# A simbologia da casa e do feminino em *Tropical Sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado

Mirele Carolina Werneque Jacomel  
Lúcia Osana Zolin

## RESUMO

A casa, no período da Ditadura Militar no Brasil, tornou-se o espaço onde os(as) refugiados(as) permitiram transparecer seus medos e angústias. Para os civis, representou o locus onde as verdades poderiam ser ditas e discutidas. Contudo, além de refúgio, a casa sempre foi o ambiente privado, diretamente ligado à imagem feminina. Com esse direcionamento, o artigo apresenta uma reflexão a partir da leitura do espaço no romance *Tropical Sol da Liberdade* (1988), de Ana Maria Machado.

**Palavras-chave:** Ana Maria Machado. Literatura. Ditadura militar. Espaço.

## The symbolism of the house and womanliness in *Tropical Sol da Liberdade*, by Ana Maria Machado

## ABSTRACT

The house, in the period of the Military Dictatorship in Brazil, became the space where the refugees allowed their fears and anguish to be revealed. For the civilians, it represented the *locus* where the truths could be said and discussed. However, besides being a refuge, the house was always the private atmosphere, directly linked to the feminine image. Thus, the article presents a reflection starting from the reading of the space in the novel *Tropical Sol da Liberdade* (1988), by Ana Maria Machado.

**Keywords:** Ana Maria Machado. Literature. Military dictatorship. Space.

Trabalhar um texto de Ana Maria Machado é sempre conhecer por diferentes ângulos a sociedade, a História. Sua produção literária está situada em um momento importante para a sociedade contemporânea, em que os indivíduos marginalizados saem, mesmo que aos poucos, da zona de silenciamento onde foram mantidos por séculos a fio. Estes silêncios são construções históricas inscritas nos indivíduos, como as culturas do masculino e do feminino. Pode-se dizer que essas práticas são resultados de diferentes relações de poder na organização social.

---

Mirele Carolina Werneque Jacomel é Mestre em Letras. E-mail: mirele-carolina@hotmail.com

Lúcia Osana Zolin é Pós-Doutora em Letras. E-mail: luciazolin@yahoo.com.br

**Endereço para correspondência:** Universidade Estadual de Maringá. Rua Egídio Cardoso de Lima, nº 268 – Jardim Gutierrez – CEP: 87.305-270 – Campo Mourão/PR. Fone: (44) 3523.7177.

Textura	Canoas	n.17	p.81-93	jan./jun. 2008
---------	--------	------	---------	----------------

O romance que analisamos neste estudo reproduz a condição da mulher na sociedade brasileira do final do século XX e mostra detalhes do seu cotidiano durante o período do governo militar. *Tropical Sol da Liberdade* (1988) apresenta alegoricamente o resultado da trajetória de uma mulher que tinha projetos para sua vida pessoal e profissional que, no entanto, foram impedidos de serem realizados diante do contexto sócio-político da época. Trata-se de um momento que limitou os indivíduos em suas práticas, principalmente as mulheres que já haviam iniciado discussões sobre sua liberdade e emancipação.

Embora a época contextualizada no romance, final do século XX, tenha sido um momento singular para as discussões de um feminismo crítico, influenciado pelo pensamento neomarxista, a mulher brasileira, nesse momento, sofreu o impacto de um novo regime autoritário. Os embates sociais, bem como as grandes disputas contra o patriarcalismo e sua ideologia dominante, tornaram-se enfraquecidos diante das novas frentes que assumiram o poder no país. E, mesmo contando com o elevado grau de discussão em que o movimento feminista se encontrava, abrangendo diferentes áreas de conhecimento, elas sentiram o peso da Ditadura Militar como um obstáculo tão opressor quanto o próprio patriarcalismo (RIDENTI, 1990).

No decorrer dessa narrativa afloram algumas discussões sobre a sociedade do final do século XX e, por que não dizer, sobre a atualidade. Fica claro que, apesar das históricas manifestações pela democratização e pela construção de uma sociedade que garantisse às mulheres espaço e autonomia, o discurso masculino ainda se faz vitorioso, principalmente no mercado de trabalho e nas decisões políticas sobre a organização da sociedade. Diversos fatores contribuíram para esse entendimento e, entre eles, talvez os mais complexos sob a ótica feminista, a geração da desigualdade no mercado de trabalho e nas atuações políticas partidárias. Isso nos leva a perceber que a narrativa carrega marcas ideológicas da escritora. O modo como foi construída denuncia a ligação direta da autora com os fatos narrados em seu romance. A análise de uma estrutura subjacente ao acontecimento político que marcou o final do século XX no Brasil coloca ênfase na necessidade de se conhecer a história por diferentes perspectivas e deixar de lado o próprio termo “verdade”, tendo em vista a particularidade de cada sujeito contemporâneo.

As relações de gênero discutíveis no romance se inscrevem nesse contexto. Em *Tropical Sol da Liberdade*, é possível visualizar que as relações de poder e de gênero são parte de uma mesma unidade de pensamento. O autoritarismo desperta no indivíduo a partir do local onde ele se encontra na história. Por isso, mulher e autoridade são, na maioria das vezes, opostos.

A narrativa de Ana Maria Machado se inscreve no período de protesto contra essa visada ideologia dominante. Sua temática possui laços estreitos com a consciência feminista sobre as relações de gênero e de poder na sociedade patriarcal, ao mesmo tempo em que a narrativa apresenta duas perspectivas temporais, as quais revelam um processo complexo a partir das crises existenciais da protagonista que sofreu os impactos do regime patriarcal e do autoritarismo dos militares. Para compreender melhor como aconteceu esse processo passemos agora a conhecer um pouco mais a fundo esses conflitos que se desenvolvem para além da temática central do romance.

Helena, protagonista da obra, é historicamente violentada. Seu estado psíquico no presente da narrativa não é apenas resultado da repressão ditatorial de 64, mas da opressão ditatorial do ser humano. Uma ditadura na qual o homem assumiu o papel do militar e, ao longo da história, não concedeu espaço para a ação transparente da mulher na sociedade.

O narrador, *in media res*, inicia seu trabalho contornando o presente da protagonista com partes de seu passado, explicitando sua história, da infância à idade adulta. Desse modo, o(a) leitor(a) percebe a trajetória da mulher a partir de suas próprias lembranças, enfatizando os detalhes necessários para compreender como, e por quais motivos, a personagem transformou-se em um indivíduo psicologicamente estilhaçado.

A narrativa inicia com o retorno da protagonista, Helena Maria, à casa da mãe. Essa ação abre caminho para a diegese que será contextualizada, pelo menos em grande parte, nesse local. A casa de Amália, mãe de Lena, como a protagonista era chamada pela família e amigos, simboliza uma espécie de refúgio, um lugar-comum onde a filha pudesse se reconhecer, encontrar seu espaço. Talvez, a casa que retoma sua infância seja o único local onde essa mulher sente-se protegida. Mas, protegida de quê? E de quem? Essa é a chave de todo o desenrolar da narrativa de Lena: um indivíduo deslocado que se “despedaçou” ao longo de sua vida, por debater-se entre o “destino de mulher” e sua vocação para “ser humano” (BEAUVOIR, 1980).

Ao descrever a casa, o narrador emprega uma simbologia diretamente relacionada à idéia do conforto e da segurança, razão pela qual a casa da mãe era necessária para a protagonista. Permanecia com as redes instaladas, sempre iluminadas pela claridade do sol. O ambiente é por todos os ângulos convidativo, pelas janelas abertas e pela simpatia de seus moradores.

A casa era sólida e ensolarada, com suas janelas abertas ao vento e suas varandas cheias de redes. Acolhedora como uma galinha abrindo as asas para abrigar os pintinhos na hora da chuva. Isso a mulher sabia. Desde sempre. E até a incomodava essa coisa hospitaleira demais, incapaz de respeitar a intimidade dos moradores (MACHADO, 1988, p.11)

A solidez da casa, somada à claridade do sol, que parecia estar sempre presente no romance, atraía Lena. Lá, a mulher tinha certeza de que estava segura. E a segurança com relação a casa não remete apenas ao seu presente, pelo contrário, é por ter vivido parte de sua infância lá que desejou voltar. Estava com o pé engessado em função de uma fratura no “dedão grande” do pé direito, uma simbologia que nos impulsiona a pensar em questões sociais e políticas, nos grupos de oposição, nas guerrilhas tão bem conhecidas por Lena, quando vivenciou o regime militar. Essa reflexão se torna válida a partir do momento em que uma mulher é inserida no contexto da Ditadura Militar para mostrar a urgência de uma revisão dos processos sociais, já que a civilização brasileira vivia um momento de medo e silenciamento que, segundo Dalcastagnè (1996, p.43-4), “destruiu argumentos,

desordenou idéias, maculou de vergonha o pensamento. Foi o medo que criou códigos, que transtornou a escrita, estabeleceu novas regras sobre o que devia ser dito e como devia ser dito”. E era esse transtorno que se fazia presente na vida da personagem. Não podia escrever, pois o pensamento era organizado, mas a escrita falhava no momento de materializar as palavras. Também não desejava argumentar, pois suas forças se esgotaram com os tempos de repressão. Precisava mesmo voltar a ser criança e crescer de outra maneira, revendo os processos sociais, aproveitando a experiência que adquiriu.

Helena precisava do ambiente acolhedor da casa da mãe, da “galinha” que lhe abrisse as asas e oferecesse proteção. Mas a necessidade de Lena era algo estranho, mais complexo que simplesmente a companhia materna. A casa da mãe era, na realidade, a ligação com o passado, tempo em que Lena explorou com veemência a busca por respostas para as questões que lhe atormentavam. Era perceptível no comportamento da protagonista que seu retorno pressupunha outros objetivos, pois a mulher sempre achou a casa dos pais demasiadamente agitada e, como ela mesma revela, “sempre tinha lugar para mais um. E acabava não sendo o lugar dela” (MACHADO, 1988, p.11). Isso a colocava em dúvida. Poderia ter escolhido tantos lugares, afinal sua relação com a mãe também era algo complicado. No entanto, sem saber os reais fundamentos de sua escolha, decidiu ir. “Talvez quisesse colo de mãe” (MACHADO, 1988, p.12), ou, talvez, tivesse percebido que apesar de sua vontade de transgredir os padrões vigentes para as mulheres de sua geração e, de modo geral, para a sociedade civil, sentia-se impotente.

Transgressão foi o termo utilizado para fazer menção ao fato de Lena ter quebrado o dedo grande do pé direito dentro da própria casa, um lugar que conhecia tão bem, mas que lhe foi estranho por alguns segundos. A colisão com a porta poderia ser também um “choque com os limites”, o desejo e tentativa de “atravessar fronteiras e aumentar territórios” (MACHADO, 1988, p.13).

Nesse retorno, é possível perceber que a narrativa foi construída a partir da mixagem do presente com o passado: do mesmo modo que Lena vive o presente na casa, ela busca seguidamente o passado para preencher interstícios causados pelas dúvidas de sua trajetória enquanto mulher e brasileira da geração de 64. “Esquisito, agora, voltar à casa em busca de seu lugar tantos anos depois. Ou em busca de sossego, sabe-se lá. Lugar sabia que tinha sempre, enquanto a mãe lá estivesse. Dava-se um jeito. Mas sossego era coisa que para ela não fazia parte do mobiliário da casa” (MACHADO, 1988, p.11).

A casa, conforme estudo de Dalcastagnè (1996), foi a representação da esfera privada na época da Ditadura Militar. Foi o refúgio das individualidades onde se processou o drama mais íntimo de cada cidadão. Segundo a autora do livro que analisa o regime de 64 em romances brasileiros, a população da época exprimia seus sentimentos com relação ao regime nas ruas através das manifestações e passeatas mobilizadoras, mas o espaço da casa simbolizava o refúgio e o local onde as pessoas não precisavam esconder o medo. Por extensão, a família também representa acolhimento, pois era lá que todos se reuniam e/ou se refugiavam em situação de risco. Para a família de Lena, essa ressalva tem sentido apenas na primeira fase de sua vida e, de fato, no passado, sua família era unida e sempre instalada na casa de Amália. Mas o que restou dessa instituição foram

as lembranças e, com isso, Lena se depara com uma casa quase vazia, assim como ela, cheia de memórias.

Não podemos esquecer, porém, que a simbologia da casa também remete à história de opressão das mulheres, já que o ambiente doméstico era o único local onde elas reinavam, onde eram privadas do mundo e, sobretudo, referência de educação para as futuras donas-de-casa. Pensar, então, em uma mulher e no seu desejo de voltar para o teto familiar pode ser um modo de ironizar a imagem da mulher ligada a casa, já que, da família de Lena, quem permaneceu nesse espaço foi sua mãe. Por outro lado, não há como negar que Lena precisava de uma tregua, um momento para se abastecer de forças e na seqüência, devolver ao mundo sua indignação com novas discussões feministas. Nesse sentido, a simbologia da casa é revestida pelo sentimento de segurança em relação ao mundo.

*Tropical Sol da Liberdade*, para Dalcastagnè (1996), é uma das narrativas brasileiras que retoma questões sobre a readaptação dos ex-exilados ao país e a discussão da redemocratização. No romance de Ana Maria Machado, quem escreve a história são as mulheres que vivenciaram o período do golpe. Mulheres que possuem os históricos problemas das relações de gênero e que apresentam os novos conflitos com relação ao regime autoritário. “A violência nas ruas, a repressão, a censura, só fazem agravar existências já conturbadas, trazendo à tona dúvidas e angústias, ou, pelo contrário, escondendo sentimentos que deveriam estar a descoberto” (DALCASTAGNÈ, 1996, p.116). Por isso, passar a palavra para uma mulher é, por certo, olhar a história de outro ângulo, com outro ponto de vista. São, sobretudo, pelos discursos marginalizados, como o das mulheres, que se podem investigar as relações de poder que subsidiaram a construção da História oficial. Lena, embora não tenha sido forçada ao exílio, pois seguiu voluntariamente para Paris, sentia-se expulsa de sua pátria pelos invasores. Um lugar que a mulher admirava e que não podia, ou não sabia, defender.

É possível fazer uma leitura da construção do espaço nessa narrativa como uma contradição em relação aos textos literários mais contemporâneos. Sabe-se que a cidade – leia-se os grandes centros urbanos – tomou conta da ficção, principalmente àquelas produzidas a partir de 1970. Mas o enredo de *Tropical Sol da Liberdade* está configurado entre dois ambientes e, ao contrário das temáticas que tratam de pessoas que deixam o interior para tentar adentrar o mercado de trabalho na cidade grande, o romance de Ana Maria Machado apresenta o inverso dessa possibilidade. No presente, a protagonista prefere retornar à pequena cidade, caracterizada pelo litoral, onde viveu sua infância. Já os flashes de passado, retomam essa cidade grande e os elementos da urbanização, fator que, definitivamente, gerou a Ditadura Militar e, de certa forma, incomodavam a mulher por estarem relacionados a diferentes tipos de violência.

No início da trajetória da personagem, o momento em que ela deixa sua cidade natal para viver no Rio de Janeiro, causa uma variação em sua socialização. A mulher passa a integrar lugares mais populosos e vivenciar uma diversidade de coisas e pessoas. Mas essa agitação, a somar-se com todos os conflitos da mulher, contribuiu para ampliar seus

problemas e, sendo assim, Lena percebe a cidade grande como a simbólica Babel. Sua recuperação lá, como a própria personagem enfatiza, seria impossível, embora estivesse mais próxima dos avanços no campo da medicina. Mas Lena entendia que não era apenas de medicamentos e tratamentos convencionais que seu corpo/mente precisavam. Voltar para seu território também previa tranquilidades que ela sentia falta. Identificava-se com isso, com a terra (BEAUVOIR, 1980), com a areia, com a maresia. Ela mostrou que, nas condições em que se encontrava, não estava preparada para viver outros problemas como os gerados pela urbanização.

“Bastou um telefonema, uma viagem de avião, quinze minutos com a mãe no carro desde o aeroporto e, em menos de duas horas, a cidade grande estava distante [...]” (MACHADO, 1988, p.11). A descrição do caminho que leva à casa materna é curta, quase que abreviada pela ansiedade da personagem em chegar no mais breve tempo possível. No caminho, Lena planejou deixar para trás, junto com a cidade grande, as promessas de evolução, ascensão, avanços tecnológicos. E, de volta a pequena cidade, desejava a tranquilidade de sua infância. O Rio de Janeiro, aos olhos de Lena, denotava complexidades e disputas sociais. Foi lá que a ditadura atingiu a mulher e, por isso, custava desaparecer do seu cotidiano, imbricada, como a lei do mais forte. Lena ainda estava fraca, submetida ao regime que se fazia presente em seu inconsciente.

Sendo assim, um grande centro não podia oferecer a Lena o que ela precisava: um ninho materno, onde o universo exterior, com todos os problemas sociais, não tivesse acesso. A casa era seu universo íntimo e, por isso, não se ajusta às descrições objetivas de uma simples estrutura. O espaço é integrado à mulher como um fenômeno derivado de seu corpo. Para Bachelard (1978, p.200), uma casa não deve ser considerada apenas um objeto, descrito no âmbito de suas paredes e teto. “É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’”.

Estar na casa é condição *sine qua non* para que Lena reflita sua própria existência. O trabalho com a memória, a partir da personagem, nos leva a crer que a narrativa parte do exterior (mundo) para o interior (mulher), gradualmente passando por outros espaços. E esses espaços, configuram diferentes lugares da casa que representam os níveis de introspecção da protagonista.

Bachelard (1978, p.202) denomina topoanálise,

[...] o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer ‘suspender’ o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso.

Portanto, é o teatro do passado de Lena, ou seja, sua memória, que organiza cada momento a ser novamente percorrido por ela mulher. Em sua intimidade, a casa está presente e nela estão presentes flashes de seu passado. Apesar de ter deixado o lugar onde viveu a infância para buscar sua formação intelectual, Lena percebe, agora, que algo ficou para trás, como um ciclo não finalizado em sua vida. Talvez por acreditar que os espaços da casa são mediadores de seu passado, ela tenta essa retrospectiva com o objetivo de entender os problemas que ficaram no tempo distante, e projetar isso na sua vida atual. A topoanálise, introduzida por Bachelard (1978), mostra que um estudo psicológico do espaço nesse romance, pode revelar que Lena somente se reconhece dentro daquele espaço porque sua figura está fixada em locais da casa. A partir daí, percebe-se que questões não-resolvidas na trajetória da vida de uma mulher podem ressurgir e conturbar mais ainda seu presente. Portanto, se Lena não conseguiu enfrentar as crises sociais e políticas que lhe atingiram no momento em que culminou o Golpe Militar, deve-se ao fato de ser um indivíduo já fragilizado pelos embates de gênero.

O presente da narrativa nos revela uma Lena sensível e sensitiva. Pequenos detalhes lhe chamavam a atenção, como as formigas que paravam em frente uma da outra e a simbologia das pedras estáticas, solitárias, no jardim. Por outro lado, pequenas atitudes transformavam seu comportamento, como sua impaciência com a mãe ao avisar os horários de tomar os remédios. Por isso, procurava pelo sol, os raios de luz que preenchiam seus poros com alimento necessário e vital. Foi dessa maneira que Lena voltou para a casa da mãe, completamente frágil, como uma mulher que saiu de uma batalha perdedora, mas com marcas profundas em sua história de mulher. Talvez seja esse um dos fenômenos resultantes da sua ausência de liberdade, principalmente porque a liberdade da mulher na sociedade ocidental é condicionada. Esse quadro se reflete na história de vivência da personagem. Nela se inscrevem duas leituras da representação da liberdade: primeiro, a liberdade interior contra a exterioridade e, segundo, a liberdade exterior contra a introspectividade.

A casa materna lhe proporcionava esses instantes. Na casa estava seu passado, por isso foi necessário retornar, sendo que o retorno a casa sugeria simultaneamente o retorno no tempo. Cada espaço geográfico da construção que remonta sua infância lhe abrigava do presente e oferecia focos de um passado pouco distante. Cada móvel possuía uma parte da sua história. “Foi preciso que um dia Lena se visse sozinha na casa materna, para contemplar o velho piano como se o encontrasse pela primeira vez, com seus olhos de castiçal e suas línguas de pedal, monstro livre dos adornos afetivos” (MACHADO, 1988, p.88). Assim como o piano velho, quase destruído pelo efeito do tempo, Lena também sentia em si o efeito de uma trajetória e, no corpo do piano tomado pelos cupins, a mulher se espelhava:

E enquanto assistia ao dismantelamento do que restava dos destroços, a fim de serem postos num carrinho, Lena tinha a sensação de estar tentando se livrar de algo mais pesado ainda. Não apenas um monumento às frustrações de sua infância, mas também um símbolo insuportável da decadência que ia atingindo a família e do fim melancólico das perdas harmonias (MACHADO, 1988, p.88-89)

À imagem do piano, Lena associava a destruição de sua família, antes unida por um laço que se enfraqueceu com o tempo. O piano é a metáfora de sua vida, da harmonia familiar. Assim como o instrumento, sua família já não possuía condições de se manter completa. Apenas a presença da mãe é fortemente marcada ao lado de Lena do início ao fim do romance. Nos momentos mais repentinos, Amália aparecia para lembrar a filha de que estava por perto, para o que fosse necessário. Mais que isso, Amália cuidava de Lena como se a filha tivesse, de fato, retornado ao passado, e fosse novamente uma criança.

Lena percebia a mãe ao seu redor e se irritava com os excessos de cuidado. Porém, sabia apreciar e valorizar tudo o que a mãe fazia, principalmente aquilo que realizava com o cuidado de agradar. As verduras e legumes que preparava para almoço e jantar, todos da própria horta. Amália cultivava as plantas como cultivava o amor à filha: muito cuidado com os insetos que poderiam devorar.

Lena faz parte de uma geração de mulheres caracterizadas pelos conflitos existenciais. Sua liberdade interior é retaliada pelas relações de gênero diante da condição de “ser mulher”, e também pela relação de poder na condição de cidadã de classe média. O recurso intimista instala-se nessa narrativa pelas vias desse processo. Pela ausência da liberdade interior, ou seja, a mulher se acredita presa aos laços do patriarcalismo, Lena não consegue se desligar de seu “destino de mulher”. Isso não implica a submissão da personagem, o que fica claro não ocorrer durante a leitura do texto, mas sim a derrota por não transgredir os padrões culturais. Portanto, *Tropical Sol da Liberdade* oferece, através de Lena, uma nova perspectiva do processo que desencadeou a Ditadura Militar no Brasil. Ao invés da objetividade dos acontecimentos históricos, a mulher materializa um discurso que traduz a subjetividade das pessoas que vivenciaram o golpe. Ela mostra as marcas íntimas de um fato político que não se resume à censura na linguagem, ao contrário, abrange o inconsciente cultural de posteriores gerações.

A segunda representação da liberdade é caracterizada pelo rompimento da mulher com a cultura patriarcal, alimentando sua liberdade exterior contra a interior. No entanto, a ruptura exterior é insuficiente para a transgressão e, à moda de Lispector, a personagem retorna para o ambiente doméstico e seguro, ao lado da família, desejando a presença de um homem que lhe ofereça proteção. Esse estado causa na mulher a sensação de impotência motivo pelo qual Lena retorna à casa da mãe, voltando, assim, ao passado.

A partir de *Tropical Sol da Liberdade*, chegamos ao consenso de que a Ditadura Militar confere um paradoxo. De um lado, é possível dizer que se trata de uma luta política resultante do aspecto excludente e eurocêntrico da sociedade moderna frente à revolução tecnológica decorrente do capitalismo tardio e da sociedade dividida em classes. De outro, existe a hipótese de ser uma tentativa de retorno à sociedade tradicional, o desejo pelo poder nas mãos das elites. Uma não deixa de completar a outra. Mas é necessário perceber que a sociedade de classes não prevê as relações de gênero e, na perspectiva do marxismo, a mulher deixa de existir enquanto indivíduo do sexo feminino e passa a ser vista como sujeito na revolução, não sendo essa a perspectiva de Lena. Para essa mulher, que tem em seu passado feridas dolorosas causadas pelo rompimento de uma linearidade ideológica com relação a seus projetos de vida, a sociedade deve reconhecer

que a mulher também possui o direito de expressão e que a história das mulheres é bem diferente da história dos homens. Portanto, na visão de Lena, a Ditadura Militar foi mais uma “ditadura” que ela enfrentou, talvez a mais violenta, mas que surge da tentativa de restabelecer a hegemonia na sociedade.

A partir de alguns exames médicos, Lena descobre que seu problema denominava-se “foco de disritmia cerebral”, um desvio de atenção que ultimamente a acompanhava. Por isso, trocava objetos e palavras, pensava em algo e, quando colocava em prática, o resultado era totalmente diferente daquilo que havia premeditado. Mas a busca pela palavra de um especialista, que pudesse dar um nome àquilo que sentia soma-se às diferentes tentativas de fuga da personagem. Ela sabia que o problema era mais social que de saúde, mas estava fraca para lutar. Foram muitas perdas em sua vida e a mulher estava cansada, precisando renascer, voltar para dentro da mãe e adquirir vida novamente. Talvez o amparo médico fosse uma tentativa de se descobrir e de se testar diante da autoridade de um indivíduo como ela. Com esse sentimento, Lena demonstrava ter dúvidas sobre o que se passava com seu corpo/mente.

Será que a doença era só uma somatização de todos os impedimentos e obstáculos que sabia e previa? Será que era medo, preguiça, cagaço? Ou era por causa da situação dela com Alonso? Lá vinha ela de novo com essa roda-viva. O próprio analista já tinha examinado o eletroencefalograma dela e comentado que não era só uma questão emocional ou psíquica. Mas, e se fosse? E se ele tivesse enganado? E se alguma coisa no mundo interior dela estivesse conseguindo enganar até a ele e a ela mesma? Mas ela queria tanto vencer isso, queria conseguir, queria conseguir... (MACHADO, 1988, p.46)

O presente cronológico da narrativa se estende, pressupostamente, entre os anos de 1984 a 1988, considerando que se passaram vinte anos do Golpe. Nessa etapa de sua vida, Lena, próxima de seus 40 anos, após algumas visitas ao analista, percebe aos poucos que seus problemas de saúde são também resultados de conflitos existenciais. Pode ser este o motivo da narrativa se apresentar de uma maneira intensamente introspectiva, uma conversa da protagonista com ela mesma. Ao retornar à casa da mãe, Lena assume o papel do analista, lança seus próprios questionamentos e, ela própria, os responde numa visita duradoura ao seu passado.

Ela viaja no tempo e busca seu momento mais remoto, a infância, a lembrança da casa dos avós, o terreno vazio antes de se tornar casa, os móveis, tudo simbolicamente guardado em sua memória de criança para vir à tona no momento certo. Nesse passado, a mulher parecia sentir-se amparada no seio da família, que ainda era completa e estruturada. Mas tudo, realmente, fazia parte do passado e,

Agora, anos depois, deitada ao sol, a mulher olhava as formigas indo e vindo dos recifes que mal apareciam, enterrados como um tesouro. E percebia que seus olhos

urbanos andavam mesmo muito deformados. Não eram as formigas sem graça. Eram miúdas, sim. Mas uma efervescência de vida. Sem parar, em movimento incessante, da grama para os recifes encaixados debaixo da casa, da terra úmida para o mar seco. E eram todo um mundo. (MACHADO, 1988, p.17)

Lena, em princípio, parecia desejar o isolamento ou uma espécie de solidão. Quer dizer, a busca pelo “sossego” provavelmente estava mascarando outra tentativa de fuga. “E a mulher podia ficar deitada ao sol, esticando o pé para o alto, pelo tempo que quisesse, sem ninguém que esbarrasse nela para atrapalhar a recuperação da fratura” (MACHADO, 1988, p.11-12). Mas quem, ou, o que poderia esbarrar nessa mulher em seu apartamento, se ultimamente estava morando sozinha? É possível responder a essa pergunta, e a outras tantas que fizemos durante o percurso da leitura do romance, com o seguinte argumento: a casa em que morou durante sua infância, e onde ainda mora sua mãe, guarda sua história. E o apartamento no Rio de Janeiro fez parte de um período problemático de sua vida, quando aconteceu o Golpe-64. No inconsciente da protagonista, seus medos estão personificados na figura dos torturadores e esses “medos” certamente invadiram seu espaço. Provavelmente, Lena intua que no seu passado está a cura para a superação de uma crise de gênero e, talvez, isso ajude a superar também a crise social.

Os olhos da personagem estavam modificados. No mesmo período que deixara a casa dos pais, casou-se com Alonso, único e verdadeiro homem que a completava e, segundo ela, que a satisfazia. No entanto, a fantasia de um casamento feliz estava longe de se realizar para Lena. Separada, retorna à casa da mãe, instalada no litoral, e reconhece que a cidade grande e urbanizada pode destruir imagens e sensações agradáveis de sentir. Isso porque as lembranças da infância eram muito fortes para ela, principalmente as paisagens em torno da casa, e que se identificavam com a imagem dos avós e das brincadeiras que faziam. Na cidade, ela não tinha essa natureza. A agitação de um centro urbano, ultimamente estava acentuando a necessidade de voltar ao seu habitat, como se essa mulher sentisse o mesmo prazer das mulheres clariceanas, ao se depararem com um ambiente natural, e se aperceberem no interior desse universo.

Cada centímetro da casa da mãe a transportava ao seu passado. Lena parecia identificar-se com a natureza, principalmente com a natureza que fez parte da infância. Encantava-se com a amendoeira que sustentava o seu balanço de brinqueado, e com o flamboyant que servia de casa para as formigas. Ao mesmo tempo, espantava-se com um javali ofegante tomando água no bosque. A introspecção da protagonista era percebida por todos que a cercavam, principalmente pela mãe. Essa figura, a de Amália, também se parecia com a da filha, intimista, reflexiva, mas a ponto de não agir por ausência de liberdade. Embora fossem mãe e filha, ambas pertenciam a uma mesma geração.

E as duas mulheres foram para a cozinha, como tantas outras fêmeas humanas pelos séculos afora. Desta vez não iam refogar coisas não ditas, nem temperar com emoções guardadas o alimento da cria ou do guerreiro. Mas os silêncios escolhidos, catados das impurezas como grãos de feijão, as acompanhavam, na

melhor tradição feminina, para serem armazenados, sempre à mão, na farta despensa ou cuidadosamente congelados para uso futuro. (MACHADO, 1988, p.20)

O ambiente doméstico, em nossa cultura, é o local da passividade feminina (BOURDIEU, 2007), razão da “ausência” do macho na cozinha, parte da casa caracterizada por tarefas cotidianas, como o preparo do alimento. Dizer, por exemplo, que “cozinha não é lugar para homem”, significa reforçar a cultura do feminino relacionado ao privado e às atividades domésticas. As “fêmeas humanas” de que fala o narrador no último trecho, são mulheres de sempre, que ainda não se libertaram da imagem da casa, dos ambientes privados. Lena e Amália, colocadas juntas na cozinha como fêmeas humanas cumprindo seu papel nos faz perceber que a tradição também é um elemento que sustenta as relações sociais. Ser mulher e estar fundida a essas atividades ainda resulta no apagamento da voz feminina. Sendo elas próprias as maiores reprodutoras do patriarcalismo, buscam uma vida de silêncios, “silêncios escolhidos”, como os de Amália e Lena, e que mostram os problemas que a mulher possui em romper com os regimes e com as censuras. E foi este silêncio que a personagem buscava com o retorno à casa da mãe. A mulher precisava compreender sua própria história como fêmea na sociedade patriarcal. Assim, reabastecida com essas reflexões, poderia assumir novamente a segurança que seu avô lhe ensinou a ter.

Sabia que, no fundo, tinha vindo até aqui em busca e uma certa calma que lhe permitisse encarar de frente a situação. Como se precisasse se reabastecer no passado para poder olhar o futuro. Uma espécie de tentativa de redescobrir a segurança inconsciente da infância, vivida entre aquelas paredes e aquelas árvores, arejada por aquela mesma brisa que às vezes até incomodava com sua constância irritante. No fundo, talvez tivesse a esperança de que o vento do mar levasse para em longe aquela teia de realidade que, de um lado, evocava o médico dizendo que nunca mais ia poder ter filhos e, do outro, reafirmava a constatação de que as palavras não lhe obedeciam mais, só atendiam ao seu chamado se queriam e quando queriam. Ou, às vezes, mandavam outras em seu lugar. (MACHADO, 1988, p.44)

É inevitável, mesmo ao leitor desatento, refletir sobre a relação entre Lena e Amália. Ao mesmo tempo em que a filha deseja não ser a cópia fiel da mãe, uma mulher que mesmo vivenciando a cultura do “doméstico”, demonstra mais força que sua filha. Mas esse vigor não embrutece a mãe que faz questão de cultivar sutilezas e delicadezas domésticas. Além disso, Amália foi a única pessoa com quem a filha pode realmente contar naquele momento de conflitos e problemas pessoais.

A simples visão de Amália a enternecia, apesar de todas as dificuldades que as duas tinham para mostrar o que sentiam, apesar da irritação que as invasões maternas lhe causavam, apesar da atitude comedida que as duas mantinham em seu convívio. Gostaria de aprender a envelhecer com a mãe. cheia de dignidade e plenamente ativa, atualizada, ligada ao mundo, com pique para insistir em arrancar tiririca do

jardim mesmo sabendo que o mato rasteiro nasce de novo, rápido e com vigor. Metáfora incorporada ao cotidiano. Uma mulher forte – como as mulheres bíblicas do Velho Testamento. (MACHADO, 1988, p.159)

É importante, nesse momento, retomar a relação entre Lena e Amália para entendermos que, apesar das excessivas irritações da protagonista, ela admirava a mãe. E os conflitos que percorrem a existência de Lena são resultados de um passado sofrido e mal-resolvido. Lena não só perdeu parte de sua juventude como também viu pessoas queridas partirem em um dos momentos mais difíceis de sua vida. Essas ausências, por si, explicam seu desequilíbrio emocional.

A própria protagonista não identifica alguns de seus sentimentos. A confusão interna, sua intimidade revelada e tão escondida se fundem em seu inconsciente e lhe transtornam. Quem está por perto sofre por essas conseqüências.

Essa mulher faz ressurgir um assunto que aos poucos se perde na memória da nação, uma história que reflete um olhar pautado na problemática das relações sociais. Esse mesmo recorte do passado, de um momento frio e escuro para os grupos marginalizados, foi, segundo Fico, uma das principais tentativas de se eliminar qualquer forma de dissenso, e inserir o Brasil em um campo de “[...] ‘democracia ocidental e cristã’ ” (FICO, 2004, p.34). Portanto, ela oferece uma nova realidade, ou seja, critica o assujeitamento dos indivíduos enfraquecidos na história, em face de situações de autoritarismo. Trata-se de uma mulher marcada pela repressão e que, embora seus argumentos não sejam fortes o suficiente para romper com esse “contrato” social estabelecido pelos grupos de direita/patriarcais/autoritários, seu discurso revela a mulher feminista que é. Nesse sentido, a personalidade de Helena não é corrompida, ela não é conformada com o modo como a repressão mutilou seu país. Ocorre apenas que sua força e vontade de militar encontram-se abaladas pelo resultado que a Ditadura causou em sua vida.

Longe de uma institucionalização da Literatura, *Tropical Sol da Liberdade* está inserido em uma categoria de narrativas brasileiras que elegem questões periféricas como alegoria de um passado polêmico. O Golpe Militar teve início, meio e fim, se buscarmos o convencionalismo das datas. Mas, se o intuito é descobrir na alma da sociedade brasileira dessa geração, e das posteriores, o encerramento dos anos de angústia e sofrimento, “anos de chumbo”, o que se pode encontrar são as feridas, abertas, causadas pela tortura. Uma mistura de alívio e traumas nauseou o Brasil a partir de 1985 e Lena, está em nossa História da Literatura para narrar os fatos do seu ponto de vista, para representar aquelas que de alguma maneira participaram de movimentos contra o autoritarismo do governo ditador.

A reflexão acerca do tema do romance, do modo como foi escrito, da presença de fatos oficialmente históricos na narrativa nos leva a acreditar que a autora realiza uma denúncia nos primeiros anos após o último militar no poder. Contudo, aprofundando a leitura, percebemos que além do desejo de mostrar à sociedade o quanto a juventude das décadas de 60 a 80 sofreu com as armas militares apontadas para suas cabeças, Ana

Maria Machado aponta nessa trajetória a dupla repressão da mulher. Elas que já possuíam históricos conflitos de gênero, receberam a tortura física e moral do regime que não mediu esforços para obter resultados positivos em suas ações.

É possível que as ditaduras vivenciadas por Lena interfiram em nossas concepções: que elas sejam uma metáfora da atualidade e que Ana Maria Machado dedicou-se às 348 páginas do livro para contribuir com a gradativa desconstrução das culturas dominantes.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A poética do espaço. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Vol. 1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DALCASTAGNÈ, R. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora UnB, 1996.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.24, n.47, p.29-60, 2004.
- MACHADO, A. M. *Tropical Sol da Liberdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- RIDENTI, Marcelo. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. In: *Revista de Sociologia Tempo Social*, v.2, n.2. São Paulo: USP, 1990.